

A EDUCAÇÃO DOS BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: INDICATIVOS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA RECENTE

Fernanda Gonçalves

1 SITUANDO A PESQUISA

Os estudos que se ocupam com questões acerca das crianças na faixa etária entre zero a três anos, em especial os bebês, têm nos aproximado cada vez mais das suas formas de se comunicar e compreender o mundo. Algumas pesquisas da área já dedicaram sua atenção para as crianças bem pequenas, salientando a importância de ponderarmos acerca da sua educação no contexto da creche¹.

Recentemente, com a aprovação da EC nº 59/2009 que determina a extensão da obrigatoriedade da educação infantil para as crianças a partir de quatro anos de idade, importantes questões estão em discussão, principalmente no que diz respeito à oferta das creches e pré-escolas, bem como a qualidade que este atendimento terá, a partir das condições objetivas que vivemos no país. Os debates e discussões apontam para algumas fragilidades que esse cenário pode suscitar, como por exemplo, a ampliação no número de matrículas sem a qualidade necessária, a possibilidade de exclusão do cuidado mediante a antecipação da escolaridade com características do ensino fundamental (VIEIRA, 2011).

Frente à conjuntura atual e ao sugestivo aumento de investigações que tomam as crianças na faixa etária de zero a três anos no contexto da educação infantil, definimos como objetivo de pesquisa analisar os indicativos para a docência com bebês e crianças bem pequenas a partir da produção científica brasileira (2008 – 2011) registrada no banco de teses e dissertações da CAPES.

Para além do objetivo, outras indagações acompanharam o estudo²: o que se produz sobre as crianças de zero a três anos no contexto da creche? Quais perspectivas teóricas que orientam as pesquisas? O que constitui a docência/prática pedagógica com as crianças bem pequenas?

Segundo Rocha (2001), estudos da área da educação permitem afirmar a possibilidade de uma consolidação de uma Pedagogia da Infância, ou da Educação Infantil, que se propõe

¹ Dentre eles podemos destacar as contribuições de Barbosa (2000, 2010), Coutinho (2002, 2010), Tristão (2004), Guimarães (2008), Schmitt (2008).

² E continuaram a acompanhar o estudo, mesmo na sua finalização.

analisar criticamente a realidade vivida dentro das instituições educativas, a partir do que as crianças têm a nos dizer e mostrar. Mas não só, pois, o objetivo consiste em valorizar os pontos de vistas das crianças, colocando-o em confronto com o olhar e mediação adulta, trata-se de um olhar respeitoso mediante as distintas perspectivas.

As contribuições da Pedagogia da Educação Infantil têm evidenciado a importância de colocarmos as crianças como ponto de partida para a organização do cotidiano e do trabalho pedagógico, compreendido para além de uma rotina mecanizada, mas que leve em conta as singularidades das crianças. O que, sobretudo, caracteriza tal perspectiva é o reconhecimento da especificidade da educação da pequena infância, numa dinâmica que procura bases teóricas que fundamentam a afirmação da infância como categoria histórico-social e na atenção aos determinantes materiais e culturais que a compõem. Acreditamos, assim, numa necessária atenção cuidadosa às manifestações das crianças, das suas significações, de sua cultura, que são assinaladas por uma inserção concreta e histórica marcada pelos determinantes sociais: relações de classe social, gênero, etnia e raça.

Procuramos, então, um diálogo com perspectivas teóricas alicerçadas nas determinações socioculturais para uma apreensão das relações educativas na infância, como também, uma efetiva atenção às manifestações das crianças. Uma vez que, o principal objetivo da consolidação de uma Pedagogia da Infância é a preocupação com a própria criança: “[...] seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, sua cultura, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais” (ROCHA, 2001, p.31).

Portanto, para conduzir a discussão e orientar o nosso olhar, utilizamos como referências teóricas autoras cujas contribuições nos ajudam a pensar as relações que envolvem a educação dos bebês e crianças bem pequenas, tais como: Tristão (2006), Guimarães (2008), Schmitt (2008), Coutinho (2010), Barbosa (2010), entre outras.

Como referência metodológica optou-se pela Análise de Discurso Textualmente Orientada de Norman Fairclough (2008), que concebe o discurso como manifestação dos modos particulares de uso da linguagem e manifestação social, compreendido enquanto aquele que não somente reflete ou representa entidades e relações sociais, mas constitui e constrói os discursos e os modos de posicionamento dos sujeitos.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Na tentativa de buscar responder as indagações iniciais, realizamos um mapeamento da produção científica nacional que tinham como tema a educação das crianças de zero a três anos, e, definimos como um primeiro critério para seleção, que as investigações estivessem situadas no contexto da creche. No âmbito geral, a primeira busca realizada apenas com o termo *bebês* ilustrou um significativo aumento no número de trabalhos que continham como tema de pesquisa os bebês nas distintas áreas disciplinares. Em 2008 o banco apresentava 286 trabalhos registrados, no ano seguinte o número praticamente dobrou, totalizando 449 trabalhos. Já em 2010 o número passa a ser 457, por fim em 2011, encontramos 490 trabalhos registrados:

Quadro 1: Número de teses e dissertações encontrados por ano: descritor bebês no banco CAPES

Ano pesquisado	Número de trabalhos encontrados por ano
2008	286
2009	449
2010	457
2011	490

Fonte: Levantamento da pesquisadora (2012).

Para um refinamento na busca dos dados, elegemos algumas palavras-chaves³, as quais possibilitaram localizar com mais rigor os trabalhos que comporiam o *corpus* analisado. O principal critério para a primeira seleção das pesquisas foi o de elencar as que tratavam diretamente das crianças na faixa etária de 0 a 3 anos de idade, nos contextos educativos (creches e centros de educação infantil), com foco nas questões que abordavam o cotidiano educativo e a prática pedagógica com bebês.

Após a leitura de todos os títulos e resumos dos trabalhos localizados e respeitando os critérios citados, encontramos entre teses e dissertações 48 pesquisas, nos anos de 2008 a 2011:

Tabela 2: Total de teses e dissertações selecionadas por ano

Ano pesquisado	Número de trabalhos selecionados por ano
2008	14
2009	4

³ Bebês; educação infantil; crianças pequenas, zero a três (0 a 3); berçário; creche.

2010	9
2011	21
Total de trabalhos	48

Fonte: Levantamento da pesquisadora (2012).

Dentre as pesquisas selecionadas no levantamento encontramos um total de 34 dissertações entre os anos de 2008 e 2011, e apenas 14 teses no mesmo período. Interessante notar que nos números apresentados no quadro a seguir, em 2008 localizamos apenas três teses que objetivaram estudar as crianças pequenas, já em 2011 este número se elevou para nove. Esse dado nos leva a pensar que tal aumento pode estar relacionado à atenção que as pesquisas, em especial na área da educação, estão dedicando para a educação dos bebês e crianças bem pequenas. Uma das possíveis causas para tal aumento, pode ser a relação com a aprovação da EC nº 59/2009, que determina a extensão da obrigatoriedade de frequência na educação infantil para as crianças a partir de quatro anos de idade. Alguns desafios se colocam mediante este quadro, sobretudo, a preocupação com as crianças de 0 a 3 anos de idade.

Já na tabela seguinte, é possível observar o aumento no número de trabalhos por dissertações e teses:

Tabela 3: Trabalhos selecionados por número de dissertações e teses

Ano das pesquisas	Dissertações	Teses
2008	11	03
2009	4	X
2010	6	3
2011	13	8
Total de trabalhos	34	14

Fonte: Levantamento da pesquisadora (2012).

Finalizado o levantamento, com todos os trabalhos encontrados a partir das combinações das palavras-chave previamente adotadas, iniciou-se uma análise mais profunda das pesquisas, a fim de selecionar aquelas que fariam parte do *corpus de análise* da pesquisa. Para tanto, foi necessária uma releitura mais atenta a partir de critérios estabelecidos.

Inicialmente, selecionamos 48 trabalhos entre teses e dissertações que compreenderam os anos de 2008 até 2011⁴. Após diversas leituras, retiramos as teses⁵ e todas as dissertações

⁴ O recorte temporal aconteceria no primeiro momento entre os anos de 2008 a 2012, mas durante o período da pesquisa o Bando da CAPES não disponibilizou os trabalhos defendidos no ano de 2012 e por este motivo, acabou-se optando em analisar somente até o ano de 2011.

⁵ Não foi possível realizar a análise das teses, devido às questões conjunturais, objetivas e limites de tempo que a pesquisa em nível de mestrado nos coloca.

que não estavam situadas na área da Educação⁶, ficando 25 dissertações que tinham como foco de preocupação as crianças entre 0 a 3 anos e a sua educação no contexto da creche.

Devido ao número expressivo encontrado, foi necessário um recorte dos dados, para tanto, inicialmente consideramos como critério de seleção a vinculação e representatividade dos trabalhos aos grupos de pesquisa. Avaliamos que é de extrema importância a vinculação das pesquisas aos grupos e núcleos de pesquisas para a consolidação da área da educação Infantil, numa perspectiva que tome a construção de conhecimento coletivamente.

Para localizar os grupos e núcleos de pesquisas foi necessária uma busca no diretório dos grupos de pesquisas cadastrados no CNPq. Realizamos a busca pelos nomes dos orientadores das dissertações, porém, não foi possível efetivar a busca com todos os orientadores, visto que neste banco de dados é possível localizar apenas os dirigentes institucionais dos grupos de pesquisa. Deste modo, foi necessária uma busca no currículo *lattes* de cada orientador/a para confirmação dos vínculos.

Após realizarmos o levantamento de todos os grupos e linhas de pesquisas dos orientadores, na comparação dos dados foi possível verificar que nem todos os orientandos estavam vinculados ao mesmo grupo de pesquisas dos autores das dissertações. Outro elemento que dificultou a confirmação da vinculação dos grupos de pesquisas foi a mudança de instituição de alguns orientadores, que, na época da publicação da dissertação estavam vinculados a uma universidade e atualmente estão vinculados a outra instituição.

Por este motivo foi necessária uma modificação nos critérios de seleção para o *corpus de análise*, que passaram a ser: a) vinculação e representatividade de dissertação por universidade (uma dissertação por instituição); b) critério de escolha da última dissertação defendida – a mais recente - nas instituições que encontramos mais de uma dissertação (ocorreu nas instituições: UFSC, UNESP, USP e UFRGS). No caso da UNESP elencamos uma instituição por campus, uma situada no município de Presidente Prudente e outro em Araraquara (São Paulo).

Deste modo, selecionamos pelo menos um trabalho por universidade, resultando em 13 dissertações de mestrado elencadas para compor o *corpus de análise*:

⁶ O principal critério para escolha das dissertações para o corpus de análise é que eles deveriam pertencer à área da Educação. Uma das dissertações não compôs o *corpus de análise* devido à falta de acesso ao trabalho.

Quadro 1: Dissertações selecionadas para o *corpus* de análise por instituição

Pesquisadora	Título da dissertação	Instituição
FERNANDES, Simoni Antunes.	A Escuta e as Palavras nos Anos Iniciais da Vida: Diálogos entre os Bebês, a Psicanálise e a Educação Infantil (2011)	UNIJUÍ
RODRIGUES, Sílvia Adriana.	Expressividade e emoções na primeira infância: um estudo sobre a interação criança-criança na perspectiva walloniana (2008)	UNESP Presidente Prudente
BIANCHINI, Luciane Guimarães Batistella	Práticas educativas em berçários: o papel da imitação no desenvolvimento e suas implicações (2008)	UEL
MAGALHÃES, Giselle Modé.	Análise do Desenvolvimento da Atividade da Criança em seu Primeiro Ano de Vida (2011)	UNESP Araraquara
GUIMARÃES, Rosele Martins.	Encontros, cantigas, brincadeiras, <i>leituras</i> : Um estudo acerca das interações dos bebês, as crianças bem pequenas com o objeto livro numa turma de berçário (2011)	UFRGS
SIMIANO, Luciane Pandini	Meu quintal é maior que o mundo... Da configuração do espaço da creche à constituição a de um lugar dos bebês (2010)	UNISUL
PANTALENA, Eliane Sukerth.	O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais (2010)	USP
CASANOVA, Leticia Veiga.	O que as crianças pequenas fazem na creche? As famílias respondem (2011)	UNIVALI
MELO, Alessandra Sarkis de.	A relação entre pais e professores de bebês: Uma análise da natureza de seus encontros diários (2008)	UFRJ
DUARTE, Fabiana.	Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente (2011)	UFSC
CURADO, Márcia Helena Santos.	Os saberes docentes dos professores de educação infantil no trabalho com as crianças de zero (00) a três (03) anos sob a perspectiva histórico-cultural: um estudo na rede municipal de educação de Goiânia (2009)	PUC Goiás
CARONI, Cybelle.	Como é ser professor de crianças de 1 a 2 anos? Um olhar crítico-reflexivo sobre uma realidade vivida (2011)	PUC RS
Nelly Narcizo De Souza.	Concepções de educadoras de creche sobre o desenvolvimento da criança na faixa etária de zero a três anos (2008)	UFPR

Fonte: Levantamento da pesquisadora (2012).

3. A EDUCAÇÃO DE BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS NO CONTEXTO DA CRECHE NA PRODUÇÃO SELECIONADA

As dissertações de mestrado selecionadas para compor o *corpus de análise* se constituem como um conjunto de trabalhos preocupados em pensar distintos aspectos acerca dos bebês e das crianças bem pequenas, desde as especificidades subjacentes às práticas pedagógicas e relações educativas no cotidiano da creche, bem como os processos que dizem respeito à própria criança e seu desenvolvimento.

Após a leitura de todas as pesquisas, para o agrupamento e categorização das dissertações utilizamos como estratégia metodológica de análise de conteúdo, em que, por meio de um método *indutivo* (VALA, 1999) as categorias de análise pudessem emergir das próprias pesquisas selecionadas. Definimos assim, as categorias de análise a partir das temáticas que foram privilegiadas nas dissertações: 1) *Estudos sobre a especificidade docente*; 2) *Estudos sobre as práticas pedagógicas*; 3) *Estudos sobre o desenvolvimento infantil*; 4) *Estudos sobre a função social da creche e relação com as famílias*.

Na primeira categoria denominada de *estudos sobre a especificidade docente*, os dados reafirmam que ser professora de bebês possui especificidades próprias para essa faixa etária, que se caracteriza principalmente pelas ações que envolvem os momentos de alimentação, higiene e sono, entre outros, que constituem as dimensões educativas. Logo, a docência é marcada pelas relações, interações humanas, pelo compartilhamento de experiências.

O tempo é também um aspecto que constitui a docência com bebês, as dissertações apontam que este é um elemento a ser considerado no planejamento, tendo em vista que, o tempo das crianças não se configura com a mesma linearidade do tempo do adulto. Elas possuem ritmos próprios, que precisam ser respeitados, ainda que desafie a rotina institucionalizada. Nesse sentido, o planejamento exerce um papel fundamental e se configura como elemento que confere intencionalidade ao trabalho junto às crianças. Não só o planejamento, mas toda a documentação pedagógica, o que implica registrar e observar as vivências das crianças, a dinâmica do grupo e seus indicativos. Registrar com um olhar sensível as vivências das crianças é importante para qualificar a prática pedagógica e conhecer seus pontos de vistas, considerando a sua participação efetiva.

Ainda na categoria *estudos sobre a especificidade docente*, consideramos como um dado significativo à questão da *docência compartilhada*. Algumas das investigações reiteram que ser professora de bebês requer o compartilhamento da responsabilidade, tanto com as

professoras, como com as famílias. Para as italianas Mantovani e Perani (1999) a profissionalidade na educação infantil e a sua consolidação vem exigindo cada vez mais um aprofundamento acerca das suas funções e maior conhecimento sobre seu percurso histórico de constituição profissional. Nesse contexto, a educação infantil conta com duas professoras, que são conjuntamente responsáveis pelo grupo de crianças, para tanto, é necessário diálogo constante e um compartilhamento de perspectivas pedagógicas.

A experiência italiana que pressupõe parceria e compartilhamento parece-nos profícua, pois enriquece o trabalho docente e promove um estreitamento relacional de forma respeitosa, o que é constituidor do trabalho docente com crianças bem pequenas.

Na dissertação de Duarte (2011) o compartilhamento da responsabilidade da educação das crianças é definido como *docência partilhada*, contudo, se partirmos do sentido semântico, a palavra partilha pressupõe repartição ou ato de dividir. E, compartilhar a docência não se trata de delegar responsabilidades, mas uma relação de parceria. Por este motivo sugerimos a o termo *docência compartilhada*, uma vez que, trata-se de uma relação permeada de parceria e que implica uma troca dialógica: dividir, compartilhar, é estar em relação.

Na segunda categoria, *estudos sobre as práticas pedagógicas*, surgem elementos que contribuem para pensarmos indicações para a própria prática, mas, sobretudo, para assinalar a potencialidade dos bebês. As pesquisas que compuseram essa categoria chamam a atenção para a importância de buscar compreender e legitimar os pontos de vistas das crianças, principalmente a partir das suas múltiplas linguagens, como o corpo, o choro, o sorriso, o balbucio, olhares, entre outros.

Os dados apontam para a relevância de planejamentos que privilegiem vivências onde as crianças possam experimentar e descobrir qualidades do mundo artístico, ou seja, as múltiplas linguagens, como músicas, pinturas, esculturas, literatura infantil, enfim, contato com acervo cultural e artístico. Trata-se de propostas pedagógicas comprometidas em promover uma educação preocupada com todas as dimensões do humano.

Outro dado relevante desta pesquisa referente à categoria *estudos sobre as práticas pedagógicas*, sendo observada também na terceira categoria denominada *estudos sobre o desenvolvimento infantil*, é a linguagem, a qual aparece como dimensão especial na docência com bebês. Tanto a linguagem do adulto, sendo aquele que vai significando a realidade social às crianças; como a linguagem própria dos bebês, que usam diferentes estratégias

comunicacionais. Incluímos aqui ainda, as linguagens artísticas e musicais que perpassam as propostas pedagógicas no contexto da creche.

Quanto às linguagens dos bebês, aparecem como estratégias comunicacionais, quando os bebês lançam mão do corpo para comunicar o que ainda não conseguem expressar com a linguagem oral, por meio de olhares, gestos, choros, sorrisos – suas diversas expressões corporais. Por esse motivo a corporeidade é fundamental na ação com os bebês e crianças bem pequenas, é por meio do corpo que os bebês inicialmente se comunicam e descobrem o mundo.

Esses aspectos explicitam que a docência com bebês é marcada por sutilezas⁷. Sutilezas de olhar com sensibilidade para os bebês, enquanto um ser humano que merece ter suas reivindicações consideradas. Uma docência marcada pelas sutilezas compreende as implicações da entonação da voz e do toque, que respeitam o tempo das crianças, seus ritmos próprios, que não concebe o cuidado como mera ação mecânica, mas como respostas que damos aos bebês mediante as suas manifestações.

Na relação com os bebês é preciso assumir uma posição de empatia, na busca de compreendê-los com um olhar sensível mediante as suas formas de comunicar. Segundo Bakhtin (1997) a empatia significa sermos afetados pelo sentimento do outro, sem perdermos nosso próprio lugar. É colocar-me em seu lugar, procurar sentir o mundo tal qual o outro, sem perder a posição que ocupo. Que as professoras de bebês possam, portanto, entrar numa relação empática com os pequenos, colocando-se no seu lugar, ou seja, estar sensível às suas manifestações, aos seus desejos, considerando sua participação no cotidiano da creche.

As análises referentes à terceira categoria *estudos sobre o desenvolvimento infantil* indicam também a grande predominância de pesquisas, ainda que de distintas perspectivas teóricas, que se dedicaram a estudar aspectos ligados ao desenvolvimento das crianças de zero a três anos, e, em menor número, estudos que tenham como foco de preocupação a própria prática pedagógica. De acordo com Ferreira (2000) a tradição científica tem tomado a criança como objeto de estudo principalmente pelo viés da Medicina e da Psicologia, o que acarretou numa compreensão das crianças como homogêneas, concebidas a partir de um padrão de desenvolvimento.

O desenvolvimento infantil passou a ser classificado em etapas evolutivas, e a criança cada vez mais privilegiada como um objeto de estudo. Aplicam-se observações dos comportamentos exteriores da criança, com o potencial de revelar a sua interioridade, são os

⁷ Como já sinalizado por Tristão (2004).

fatores psicológicos “passíveis de serem observados”, classificados e mensurados que definem o que as crianças conseguem fazer em determinadas idades (FERREIRA, 2000). Essa marca histórica revela-se também nos estudos analisados, ainda que, em vários momentos as pesquisadoras tecem argumentos para explicitar que não existe uma linearidade no desenvolvimento das crianças, ainda assim há uma busca por certo padrão de desenvolvimento infantil.

É importante ponderarmos que, com a imposição do padrão de normalidade cria-se uma necessidade de medir o desenvolvimento das crianças, e nessa conjuntura, as bem pequenas, sobretudo os bebês, que ainda não falam, ficam submetidos a enquadramentos do desenvolvimento. É fato que, as professoras e todo o contexto da educação infantil influem no desenvolvimento das crianças e conhecê-lo é importante, contudo é necessário problematizar a forma de concebê-lo.

De acordo com Jobim e Souza (1996) a psicologia do desenvolvimento legitima a constituição de conceitos e teorias a partir dos aspectos evolutivos com objetivo de regular o comportamento humano, o que gera também consequências na subjetividade e nos processos de formação humana. Uma vez que, os consumos dos conceitos realizam-se pela sociedade por meio dos discursos, que, influenciam no comportamento das crianças, conformando os modos de ser de acordo com as expectativas do outro.

Nessa terceira categoria, um dado significativo que chama atenção é *o brincar como subterfúgio nos momentos de rotina da creche*. As pesquisas indicam que as brincadeiras dos bebês aparecem como uma possibilidade de distração, como nos momentos de higiene, alimentação e sono, para dar conta das demandas rotineiras e, apesar do rigor que demarca a rotina da creche, os bebês conseguem colocar suas produções em cena, quando exploram o ambiente com seu corpo, quando buscam estabelecer relações entre pares, o que reafirma suas potencialidades.

Compreendemos que é importante que se invista numa relação de atenção recíproca⁸ onde os bebês participam de todos os processos que lhe dizem respeito, como nos momentos de higiene, sem que sejam “distraídos”. O momento da troca é de intenso contato corporal, uma relação afável, que endossa marcas ao corpo dos bebês, e, portanto, é importante que eles sejam concebidos enquanto protagonistas das ações, a partir da sua competência social.

No âmbito das pesquisas que compuseram a quarta categoria, denominada de *estudos da função social da creche e relação com as famílias*, as análises indicam que as relações

⁸ Haversi (2011).

constituídas entre as professoras e a família são permeadas de tensões e conflitos, que refletem em diálogos restritos e superficiais, limitados a pequenas conversas acerca dos momentos que envolvem o cuidado.

A concepção das famílias sobre a creche que se apresenta nas investigações está voltada mais para a compreensão da creche enquanto um lugar onde as crianças possam “ser cuidadas”, do que para um espaço comprometido com os processos educativos. Contudo, localizamos alguns indicativos de uma compreensão da creche enquanto um lugar de convívio social e de aprendizagens.

Todas as dissertações dessa categoria reafirmam a importância das relações entre as famílias e professoras, atribuindo à creche a responsabilidade de demonstrar a sua ação fundamentada numa intencionalidade pedagógica. Tanto as famílias como a creche são importantes contextos para o desenvolvimento pleno das crianças, ambas possuem uma importante responsabilidade nesse processo, portanto, precisam estabelecer uma relação de parceria, preocupada com aspectos da vida das crianças e que perpassam o entrelaçamento de relações que compõe esse espaço, por isso, a *docência compartilhada*.

Considerações Finais

Estudos que se caracterizam como análise de produção são importantes para evidenciar na produção de conhecimento quais as tendências das pesquisas e também, sinalizar possíveis lacunas e questões que precisam de atenção. Consideramos relevante salientar aqui, a importância da consolidação dos grupos de pesquisas na produção coletiva de conhecimento, tendo em vista que, as análises sugeriram uma falta de articulação de algumas pesquisas com grupos da área. Um grupo de pesquisa define-se na coletividade, como um conjunto de estudos que se organizam e completam-se, a fim de realizar diálogos e confrontos na construção do conhecimento.

Uma análise geral do *corpus* indica que as 13 pesquisas selecionadas contaram com uma grande interlocução disciplinar com diferentes referenciais. Dentre eles, podemos destacar contribuições da área da Antropologia, Filosofia, História, Psicologia e, em menor número, diálogo com a Sociologia da Infância.

Distintamente da hipótese inicial, onde suscitávamos a possibilidade de um aumento no número de trabalhos que tomam como pressuposto teórico a Sociologia da Infância, assim

como indicado pelos estudos recentes Buss-Simão e Rocha (2013) e Nascimento (2013), constatamos por meio das análises que, as dissertações estabeleceram um significativo diálogo com os pressupostos da Psicologia, sobretudo, a Psicologia do Desenvolvimento.

Importante salientar que o diálogo disciplinar anuncia a heterogeneidade como um elemento característico da infância: “Mesmo representando uma forte tendência, também em termos mundiais, a perspectiva de colaboração disciplinar para uma compreensão mais articulada dos processos sociais e culturais que determinam a infância ainda está longe de ser hegemônica” (ROCHA; BUSS-SIMÃO 2013, p. 948).

Análises dos movimentos da pesquisa na área possibilitam destacar uma consolidação e um avanço significativo acerca dos diálogos disciplinares e teóricos, numa perspectiva da Pedagogia da Infância: “[...] se preferirem, de uma ciência da educação que tem como foco os processos educativos que envolvem as crianças – com negação às análises que as tomam como indivíduos isolados em uma abstração social e cultural” (ROCHA; BUSS-SIMÃO 2013, p. 948).

Quanto às metodologias adotadas nas pesquisas analisadas, constatamos que os estudos que tiveram como preocupação os temas relativos à prática docente, ou relações e interações sociais das crianças pequenas e bebês, elegeram como opção metodológica o estudo de caso e também a etnografia, algumas denominadas por elas mesmas como sendo de inspiração etnográfica, outras como nuances etnográficas, com grande foco na análise qualitativa.

Grande parte das investigações com crianças tem indicado as ferramentas oriundas da etnografia como uma possibilidade profícua para pesquisas com os pequenos: como a observação participante, recursos filmicos e fotográficos, por exemplo. Encontramos ainda, dissertações denominadas como pesquisa-ação, estudo do tipo exploratório, investigação observacional e uma pesquisa como análise dos registros escritos (diários e avaliações) da própria pesquisadora.

Ampliar os conhecimentos sobre as crianças demanda, necessariamente, uma vigilância epistemológica, no sentido de dirigir nossas análises levando em consideração as determinações estruturais próprias da categoria infância como histórica e social, considerando às dimensões contextuais e mantendo as crianças no plural, para não reafirmarmos uma concepção de infância neutra, a partir de padrões ideias (ROCHA, 2008a).

Encontramos nas investigações aspectos que reafirmam a organização do espaço enquanto elemento fundamental para a prática pedagógica com os bebês, ainda que por perspectivas teóricas distintas, desde as pesquisas que chamam atenção para os objetos, como

também as que concebem que o espaço deve ser organizado como um lugar de relações, um lugar hospitaleiro e acolhedor, onde os bebês possam explorar o ambiente com seu corpo.

As pesquisas assinalam a importância da organização do espaço a partir de um planejamento que propicie possibilidades dos bebês se manifestarem corporalmente, pois, experimentam e exploram o ambiente com seu corpo. O planejamento deve considerar que os bebês ainda bem pequenos, que ainda não engatinham, precisam estabelecer relações com o grupo e com o espaço, nesse sentido, é preciso estar sensível a este aspecto e possibilitar que eles possam vislumbrar seu entorno por distintas perspectivas. Esse espaço se constitui a partir das relações que são estabelecidas, que o vão significando, imprimindo marcas de histórias, um lugar de vida, de movimento, um lugar de viver a infância.

Por fim, as pesquisas analisadas indicam ainda a necessidade de uma reflexão crítica acerca dos procedimentos metodológicos que objetivam apreender as lógicas infantis, interrogando a lógica adulta e colocando em diálogo os distintos pontos de vista, num esforço de compreender as diferentes formas de ser criança e de viver a infância na conjuntura da educação infantil. Realizar pesquisas com as crianças de zero a três anos mostra-se desafiador e exige um compromisso ético dos pesquisadores, como um esforço de compreendê-las nas suas muitas formas de se expressar, principalmente, lançando um olhar para elas na sua potencialidade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *As especificidades da ação pedagógica com os bebês*. Porto Alegre, 2010. 16 f. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article. >. Acesso em: 27 jan. 2013.

BAKHTIN, Mikhail *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

BUSS-SIMÃO, Márcia. *Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas*. Tese de Doutorado, PPGE/UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

COUTINHO, Ângela M. S. *A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche*. Tese de Doutorado. Universidade do Minho. Braga, Portugal, 2010.

DUARTE, Fabiana. *Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2008.

FERREIRA, Maria Manuela. *Salvar corpos, forjar a razão: contributo para uma análise crítica da criança e da infância como construção social em Portugal – 1880-1940*. (Memórias da Educação-7). Instituto de Inovação Educacional, Lisboa, pp.77- 109, 2000.

GUIMARÃES, Daniela O. *Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na Cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado*. Tese de doutorado. PUC – Rio de Janeiro, 2008.

HEVERSI, Katalin. Relação através da linguagem entre a educadora e as crianças do grupo. In: FALK, Judit (org). *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy*. Tradução de Suely Amaral Mello. Araraquara, SP: JM Editora, 2004.

JOBIM E SOUZA, Solange. Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria (Orgs.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. São Paulo/ Campinas: Papirus, 1996.

JOBIM E SOUZA, Solange; CASTRO, Lucia Rabello. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p.43-51.

MANTOVANI, Susanna; PERANI, Rita Montoli. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. *Pro-posições*. v. 10.n1. (28).75-98. 1999.

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso (org.). *Infância e sociologia da infância: entre a invisibilidade e a voz: relatório de pesquisa*. São Paulo: FEUSP, 2013.

ROCHA, Eloísa A. C.. 30 anos da Educação Infantil na Anped: caminhos da pesquisa. In: *Zero a Seis* (online), Florianópolis, 2008a.

_____. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p.43-51.

ROCHA, Eloísa A. C.; BUSS-SIMAO, Márcia. Infância e educação: novos estudos e velhos dilemas da pesquisa educacional. *Educação e Pesquisa*. vol.39, n.4 pp. 943-954. 2013.

SCHMITT, Rosinete V. *Mas eu não falo a língua deles! As relações sociais de bebês em creche*. 2008. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

SILVA, Isabel de Oliveira; LUZ, Iza Rodrigues da; FILHO, Luciano Mendes de Faria. *Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: primeiras aproximações*. In: Revista Brasileira de Educação, 2010.

SOUSA, M. Gomes Sônia. O estudo da infância coo revelador e desvelador da dialética exclusão – inclusão social. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p.43-51.

TRISTÃO, Fernanda. *Ser professora de bebês: um estudo de caso de uma creche conveniada*. 2004. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

VALA, Jorge. A Análise de Conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (org.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto. Biblioteca das Ciências do Homem. Editora: Afrontamento, 10a edição, p. 101-128, 1999.